

ANTIGUALHAS
REMINISCENCIAS
DE
PORTO ALEGRE

L. H. G. R. G. S.
N.º <u>965</u>
Vol. _____
Est. <u>GAZETA 1</u>
Pag. _____

PORTO ALEGRE
— Co —
IMP. DO JORNAL DO COMMERCIO

1881



Antônio Álvares Pereira Coruja

Antônio Álvares Pereira Coruja (Porto Alegre, 31 de agosto de 1806 — Rio de Janeiro, 4 de agosto de 1889) foi um político, educador, historiador e escritor brasileiro.

De família pobre, fez seus primeiros estudos com os professores que Porto Alegre então dispunha: Maria Josefa, Antônio D'Ávila (o Amansa-Burros), padre Tomé Luís de Sousa e padre João de Santa Bárbara. Para auxiliar na sua subsistência era sacristão na Igreja Nossa Senhora Mãe de Deus, onde tornou-se amigo do padre Tomé Luís de Sousa, com quem aprendeu, mais tarde, latim.

Maçom, participava das reuniões da Sociedade Continentino, desde sua fundação, em 1831 . Nesse mesmo ano era, junto com Pedro Boticário, redator do jornal *O Compilador*, patrocinado pela Sociedade Continentino e que circulou entre 3 de outubro de 1831 e novembro de 1832.

Eleito suplente de deputado provincial na 1ª Legislatura da Assembléia Legislativa Provincial do Rio Grande do Sul, foi chamado a assumir em dezembro de 1835. Por se envolver na Revolução Farroupilha, quando da retomada de Porto Alegre pelas tropas imperiais foi preso na Presiganga. Solto após cerca de cinco meses, mudou-se então, em 1837, para o Rio de Janeiro com a família, alegando perseguições que teria passado a sofrer.

No Rio de Janeiro, em 1839 era secretário da Sociedade Literária do Rio de Janeiro. Em 1840 fundou sua primeira escola, o Liceu Minerva, foi também professor particular de prestígio na corte. Em 1842 ingressou no **Instituto Histórico e Geográfico do Brasil**, onde ocupou por quase vinte anos o cargo de tesoureiro e escreveu vários artigos sobre o Rio Grande do Sul na Revista Trimestral do Instituto. Na corte também teve a preocupação em divulgar uma imagem positiva do Rio Grande do Sul, envolvido ainda no conflito farroupilha.

No Rio publicou vários livros didáticos e gramáticas, além de ter presidido a Sociedade Imperial Amante da Instrução no Rio e a Sociedade Beneficente e Humanitária Rio-Grandense. Atuou como jornalista no Porto-Alegrense em 1847, no Argos de 1840 a 1850 e no Mercantil de 1850 a 1858, todos do Rio Grande do Sul.

Tendo reunido uma pequena fortuna, abandonou o magistério e entrou no mundo dos negócios, fundado uma caixa bancária. Foi enganado pelo sócio e arruinou-se economicamente no final da década de 1870. Apesar de inocentado no processo judicial, sentiu-se desonrado. Viúvo em 1882, passou a viver recluso e ser sustentado por seu filho, Antônio Álvares Pereira Coruja Júnior, adotado em 1834, sogro do poeta Emílio de Meneses e comendador por seus serviços prestados na Guerra do Paraguai.

Com a morte de seu único filho em 1888, passou a levar uma vida de extrema miséria, vivendo em repúblicas de estudantes gaúchos . Morreu em 1889, em um pequeno quarto emprestado por um ex-aluno.

Foi agraciado oficial da Imperial Ordem da Rosa, cavaleiro da Imperial Ordem de Cristo.

Albertino Lavaina

ANTIGUALHAS

Reminiscências de Porto Alegre

Henni soit quĩ mal y pense.

Tradueção livre.

*Não pense alguma que o que aqui
vai escripto leua agua no bico.*

No tempo em que se vendião os ovos a 2 e a 3 por um vintem, se fazia nas tabernas dez réis de melado com agua, e no açougue (digo açougue no singular, porque só havia um) se vendia a libra de carne a vintem ou quinze réis, parece que tambem se vendião nabos a dez por um vintem, e quem os vendia, se é que os vendia, era um tal José Antonio da Silve, esmoler-môr da pobreza, que de parceria com sua vizinha Angela, tinha um arremêdo ou frêge de casa de saude na rua do Arroio mais ou menos onde morreo o Pedro Jacaré, isto é, da rua da Igreja para os lados da do Arvoredo; o certo é que a esse pedacinho se chamou então a rua do Nabo a Doze, ou simplesmente a rua do Nabo.

Nem se admirem de vêr um nome no plural com artigo no singular, pois mais adiante terão de vêr um nome masculino precedido de artigo feminino, e outro feminino com artigo masculino.

O outro pedaço da rua do Arroio, da Igreja para a praça do Pelourinho (na praia em frente ao actual erse-

nel) teve e tem ainda hoje o seu nome proprio de *Peccados Mortaes*. Alguem que possua este terreno ladeirento, fez edificar sobre elle sete casinhas, que os gaistos daquelle tempo chamarão os *Sete Peccados*, nome que lhes assentava bem, tanto pelo lado physico dos predios, como pelo lado moral das moradoras.

E assim se ficarão chamando os dois quarteirões; um dos *Peccados Mortaes*, e o outro do *Nabos a Doze*; e o nome da rua do *Arroio* continuou a permanecer sómente nos archivos da camera, e depois nos letreiros das esquinas.

Entre estes dois pedaços de rua havia e ha ainda uma ladeira que dá para o *Alto de Manoel Cactano*, depois *Alto do Senhor dos Passos*, posteriormente *Alto da Conceição*, depois ainda *Alto da Bronze*, e hoje *Praça do General Osorio*, mas não perdendo á *Bronze* a sua proeminencia. O nome primitivo fôra o de *Manoel Cactano*, talvez por ter elle sido o seu primeiro morador; de *Senhor dos Passos*, porque houvera projecto de elevar ali um templo com este orago, ainda antes da actual *Caridade*; da *Conceição*, porque esta irmandade, sendo seu provedor o finado marechal *Carneiro*, chegou a plantar ali solememente a pedra fundamental de um templo dedicado á Santa Virgem desta invocação; o de *Bronze*, o menos euphonico delles, foi o que ficou permanecendo.

No subida da ladeira, á direita, antes de chegar á frente da casa de *Ignacio musico* (*Ignacio José de Pilgueziras*.) em uma das casas de rotula e janella, quem por ali passasse a qualquer hora do dia ou da noite, veria á janella uma mulher que para fallar pelos cotovéllos não precisava erregaçar as mangas, porque se apresentava de saia e camiza, sendo por isso a individua mais notavel do bairro.

Por ditos e palavras, feitos e feitos, era conhecida pelo nome de *não sei qué de bronze*, mas por conveniencia de pessoas sérias e chamavão simplesmente a *Bronze*; e dahi veio o nome de *Alto da Bronze*, nome que infelizmente se perpetuou, e por tal maneira se perpetuará,

que nem a praça do General Ozório será capaz de o fazer apagar.

O verdadeiro nome desta mulher parece que nunca foi conhecido; é, porém, certo que em princípios de 1827 foi vista com os mesmos usos e costumes em um sobrado de janelas de pão, na rua da Valla (do Rio de Janeiro), onde é provavel que morresse.

E eis um nome masculino precedido de artigo feminino.

Assim como em algumas povoações se chama—Rua Direita a mais torta dellas; assim se chamou por antithese—Rua Clara a mais escura das ruas, pois se prestava a boas quedas na pedreira que havia na esquina da rua da Ponte, e que interceptava o caminho aos meninos do lado do arsenal, que querião ir á escola do Paraizo que era na rua da Ponte com fundos para a da Matriz.

Antonio Paraizo Mariano ahí tinha a sua escola de dia, porque de noite ia representar no theatro o *Manoel Mendes*, o *Dr. Savina* e o *Esganarello*, para o que tinha boa queda.

Existe nos registros municipaes o *Becco da Fonte*, nome que nunca foi conhecido porque conhecido só foi o *Becco do Jacques*, por ter ahí morado quasi durante a sua vida o escriptão Francisco Jacques Neves.

A rua da Ponte, assim se chamou por causa de uns paos estendidos ou atravessados em ar de pinguela dobrada, que servia de ponte, mais ou menos pelas alturas da travessa do Poço, e por baixo da qual (ponte) passavão as águas que descião como nativas do antigo poço ou fonte que deu o nome á rua, depois denominada de S. Jeronymo, quando prestidio a provincia Jeronymo Francisco Coelho.

Essa rua do Poço, que alguns tambem chamavão rua da Cacimba, e que melhor se chamaria rua da Fonte, tinha u na fonte preparada e coberta de madeira, em frente á casa da familia França, do lado opposto, mandada construir no tempo do governador José Marcellino; o que não deixou de motivar uma prisão de Manoel Jo-

sé Pereira Cardinal, procurador da camera, por não ter elle querido obedecer a certas ordens do governador, visto ser a fonte construida a custa dos bens do conselho.

Para essa fonte ia todos os dias uma sentinella da guarda do pelotio para impedir que os rapazes da escola do Amansa matassem o solitario kegado queahi vivia; e que a final, retirada a sentinelle, morreu a pedradas.

Hoje nem sentinella, nem fonte, nem kegado. Ha apenas o locus ubi Troja fuit.

Amansa-burro, a quem por brevidade chamavão simplesmente Amansa, era um ilhéu de alta estatura, que dizião ter sido jesuite, e se chamava Antonio Avila; spezar de sua voz de stentor, e de seus continuos gritos de arriismo, era o mais erudito professor daquelle tempo, daltou muito bons discipulos e muita gente boa se honrava disso. Tambem ensinava por casas particulares, e entre suas discipulas se pôde contar a Sra. viuva Caldwell, e suas irmãs.

Quando na matriz tocava o sino para ir o Viatico a algum enfermo, mandava os discipulos acompanhar, os quaes ião cantando o Bemdicto de Cruz alçada, formando alas diante da irmandade. Seguião para a matriz atravessando a chacara de terrenos então abertos do juiz da alfandega, depois visconde de S. Leopoldo; pois era a escola na rua da Ponte entre o becco do Fanha e a rua Clara.

Todos os annos, na vespera da S. José, escondia-se para não dar suéto aos rapazes a pedido do seu visinho José Soares Pinto de Mattos : dizem que se acastellava em essa de um outro visinho, Fernando, relojoeiro, (cuja familia Torelli ainda existe,) talvez para lhe papar algum dos muitos gansos que elle criava no terreno alagadico, sobre o qual depois Marcos Alves edificou.

Ha nomes tão ligados entre si, que dizer um é despertar a idéa do outro; do meio da Varzea para diante, caminho da Azenha, morava a Bahiana do Precepio, que todos os annos pelo Natal abria ao publico illustrado e

não illustrado o seu *Presepio da Bahiana*, muito frequentado pelos janotas de todas as cores, sexos e condições. Anna Maria de S. José, que assim se chamava ella, ainda sustentou o seu *presepio* por algum tempo, enquanto se julgava herdeira presumptiva de Antonio Rego Chaves, dono da chacara; mas depois que por *direito juridico* (*) passou a herança a mãos poderosas, a pobre mulata velha passou a ser parteira, e assim morreu.

Já que estou em caminho da Azenha, convém dizer alguma coisa della e de sua ponte. Passando a ponte á direita de quem vai da cidade, morava um dos nossos antigos ilhéos de nome Francisco Antonio da Silveira, avô do finado coronel Ourives; tinha elle uma szenba ou moinho d'agua muito procurado n'aquelle tempo por causa da moagem do trigo.

Quando em 1773 José Marcellino veio pela segunda vez governar o continente, entendeu que devia governar os vereadores militarmente, e esquecido dos motivos por que fôra mandado usar do nome que assignava, em lugar de Manoel Jorge Gomes de Sepulveda, que era o proprio, continuou com suas cavallerias altas; e entre outras cousas proprias do genio arrebatado, ordenou aos vereadores, que então vereavão em Viamão, que viessem celebrar suas sessões em Porto Alegre; vinhão elles, pois, a cavallo, fazião suas sessões e se retiravão para seus sitios, e é de presumir que vindo pelo *Caminho do Meio*, por ser o mais curto, ignorassem que a ponte, que era de madeira e ficava em outro caminho, não dava passagem por ter cahido. Em uma das sessões de 1777 (que devia ter sido em Maio) ordenou-lhes José Marcellino que mandassem concertar a ponte de Francisco Antonio, que já estava justa por 645000 réis: respondendo-lhe elles pela negativa, mandou-lhes fechar o Portão.

(*) Ao escrever estes nomes grifados lembreime do **MENCLETE**.

No dia seguinte, quando lhe forão perguntar por que motivo os fizera dater, respondeu-lhes que era para assistirem ás Ladinhas de Maio !

—Em um becco onde era principal proprietario Ignacio Manoel Vieira, avô materno do Dr. Paranhos e do professor do mesmo nome em S. Leopoldo, e por isso denominado então—Becco de Ignacio Manoel Vieira, foi morar o taverneiro Francisco José de Azevedo, que nem fanhoso era, e apenas tinha voz de endefluxado; e como todos o chamavão—Fanha—ahi ficou o nome de Becco do Fanha. E as edilidades, que tão sollicitas têm sido em mudar os nomes das ruas, derão-lhe um nome enviezado, que uns dizem Piassandú e outros Passandú.

Ea o chamaria de *Roberto André*, para attestar aos vindouros que a historia da municipalidade era conhecida das edilidades. O capitão Roberto André Ferreira de Sousa Alvim, era um honrado negociante, proprietario no lugar e morador na casa da esquina, foi vereador do tempo de José Marcellino, e talvez do numero daquelles a quem se mandou trancar o Portão, pois ligára-se em Viamão a uma Grande Familia; e, escrevo grande com G maiusculo, porque nessa familia se contão nada menos de um visconde e dois barões—Pelotas—S. Nicoláo—e—Santo Angelo.

Havia lá mais para adiante um outro becco, a que chamavão simplesmente do Vieira, ou do *Bol'd bica*, que era uma e a mesma cousa, mas que sem duvida pela belleza de sua estreita calçada pont'aguda se ficou chamando—Rua Bella, depois do Visconde de Castro ou General Portinho.

O nosso mundo edil é mesmo assim. Devendo a guarda principal ser a do palacio do governo, atirarão com elle para o quartel dos guaranys, cujo nome nos faria recordar essa pobre gente por muitos annos ahi aquartellada, e que tão desastreadamente foi dizimada no Rincão das Gallinhas, em Setembro de 1825.

O nome do General João Manoel, nascido na rua de Bragança, foi transferido para as placas das esquinas da

rua Clara, e o do General Camara, cuja familia muitos annos residio na rua Clara, foi transferido para a rua do Ouvidor.

— O *Becco do Leite* tomou esse nome, não porque ahí se vendesse deste genero extrahido de amas bipedes ou quadrupedes, mas sim porque na rua Nova esquina deste becco morou por muitos annos o alfaiate Manoel José Leite, que dizião ser amigo de boas patuscadas aos domingos com os rapazes e catxeiros daquelle tempo. Tinha tido este becco anteriormente outros nomes conforme os moradores, como do Lisbôa e de D. Ursula: antes tivesse ficado este ultimo, que faria lembrar uma respeitavel matrona, proprietaria na esquina fronteira, e que ahí morou muitos annos; tia de um senador e avô de outro.

— O *Caminho de Bellas* estava ainda por descobrir quando chegou o conde da Figueira, que o mandou abrir com mais desenvolvimento; e como dizião ser filho da condessa ou marqueza de Bellas, assim se pôz á rua ou praia esse nome, mandando-se-lhe mais tarde levantar uma ponte que então não havia, pois atravessava-se o riacho calcante *pede* no tempo de verão em que apenas dava a agua pelos machinhos.

— Não é raro lerem-se nos jornaes annuncios tratando da rua da *Macella* e becco da *Macella*: quem assim escreve sem duvida ignora-lhe a origem: *Marcella* e não *Macella* era uma preta casada, que tinha a sua pobre casa na rua chamada da *Marcella* ou do Chico Pinto, e que passou a ser rua da Floresta, ficando o de *Marcella* na rua ou becco que d'ahi vai dar ao rio: a casa da *Marcella* e hoje de se us descendentes ou successores ficava na esquina das duas ruas, uma das quaes é hoje de D. Affonso.

A' margem direita do riacho havia uma altissima figueira quasi secular, para a qual se havia por uma viella entre as ruas do Arvoredo e da Oliveira, caminho especial dos aguadeiros d'aquelle tempo e dos freguezes das

pitangas no tempo d'ellas; em uma tarde um grande vendaval deitou abaixo a figueira sobre o riacho, e levando suas raizes quasi á altura que tivéra a arvore; parece que d'ahi proveio o nome de rua da Figueira.

— Ao lado do Porto dos Ferreiros, que assim se chamava toda a praia entre a esquina do Caminho Novo e o becco da Opera, (não se sonhando ainda em doca nem em praça do mercado) havia uma pequena casa habitada por umas moças castelheiras, e que dizem que cantão bem, aonde aos domingos hião os moços passear, denominando-a— casa do Paraizo; e já se convidavao dizendo — Vamos hoje ao Paraizo? E assim se ficou chamando a rua do Paraizo.

— O nome de becco da Opera data de 1804 ou pouco depois, quando governava Paulo José da Silva Gama; pois quem frequentava esse comprido armazem denominado—Theatro— e hoje occupado por lojas com frente ao nascente—havia de lêr no alto do proscenio, acima do panno de bôca, em letras garrafaes, o seguinte :

- « Magnifico theatro se levanta,
- « Que em gestos peitos instrucção derrama ;
- « Tão alto beneficio só se deve
- « Ao muito illustre e preclaro Gama.»

D. Maria da casa da Opera (assim denominada)ahi ganhára algum dinheiro coadjuvada pelos actores Luiz Caetano, Paraizo, José moléque (José Rodrigues do Valle) Correia musico, Estramba, Braz Bertolazzi, a Coxilã, Angelica Lindeza e a filha de Joaquim Pinto; fazendo representar—Manoel Mendes, Esganarello, Negro do Corpo Branco, Convidado da Pedra, Doutor Savins, etc. etc.

Mais tarde, depois do incendio do theatro de S. João, do Rio de Janeiro, ahi tambem representarão os destroços de uma companhia em q e primavão Gravani, Agua Fresca e outros, dando assim ganhos ao padre Amaro : com o rico casamento de Gravani e seu consequente assassinato dispersarão-se as ovelhas deste rebanho.

Servio então este theatro para representações particulares dadas pela escolhida mocidade d'aquelle tempo, de que uns estão bastante adiantados em idade e outros jazem na terra da verdade.

Ahi vimos representar com proficiencia-officiaes dos batalhões 9.º e 10.º, cirurgião-mór Ramos, Bemsalinas, desembargador Paiva, capitão Lara e seus irmãos Luiz e José, o contador Joaquim José, de Araujo, Amaro de Araujo Ribeiro, José Apolinario e seu irmão Enéas, Vicente Ferreira Gomes e seus irmãos Apollinario Lucio, Hilario Ferrugem e seu irmão José M. C. Bittencourt, irmão mais velho do Dr. do mesmo nome, Lisboa (da rua da Ponte), Ripper, Guerra, Joaquim Gomes, Patriocio A. C. Lima, Nolasco, cirurgião-mór Baptista Cabral, Coruja (do Rio), Antonio Maria Calvet e seu irmão João, José Feliciano França, Antonio Duarte Rodrigues, Antonio Augusto Guimarães e coronel Tota.

De proposito deixei para o fim, devendo estar no principio, o nome do coronel Tota ha, pouco fallecido, para fazer lembrar que quando em 1810 aqui desembarcou o conde da Figueira, além do capitão José dos Santos Viegas, major Lemos e tenente-coronel João Baptista Alves Porto, trouxe mais consigo os tres alferes João Antonio Mendes Tota, Damião Damasceno Rosado e Joaquim Pedro d'Almeida, os quees todos, á excepção do major Lemos, equi ficarão, subirão postos, casarão com rio-grandenses, e prestarão muitos e valiosos serviços á patria.

Esta sociedade fez ahi representar com muito successo além do —Ralhador— de Bocage, e outros dramas, e engraçada farsa —O casamento por cartazes— que dizião ser composição de Bernardo Avelino, e cujo original parece que se perdeu, pois não ha noticia d'elle.

Esta mesma sociedade, que durou alguns annos, não se occupava sómente de representações dramaticas; tambem ahi representou algumas panto mimas ensaiadas pelo velho Ricciolini, e fazia ouvir o chusto do Meirinho e a pobre; a aria do Gallego, e uuaa outra em portuguez,

que por muito repetida e applaudida ainda trago na harmonia, e constava dos seguintes versos :

« Vivão as bonitas moças
« Que sabem esmorear ;
« Esquellas que consolão
« E nos movem a suspirar.

—
« Ou viúvas ou donzellas,
« Não se ha de examinar ;
« Basta que sejam bellas
« Para sempre se amar.

—
« As velhas pois escusamos
« Basta que conclua... á...mos.

E diga-se lá que naquelle tempo já não havia gente de bom gosto.

—O Largo da Forca, outr'ora Largo ou Praça do Arsenal, e depois não sei porque desarmónico da ex-presidente Ferraz, transformado em Praça da Harmonia, com um cães de que pouca gente se serve, que até certa epocha teve uma bica que apenas gotejava; em outro tempo tinha de um lado o estaleiro de Francisco Baptista Araujo (pai do conselheiro Candido Baptista) e mais tarde o estaleiro de Tertuliano, antecessor de Severino; e do outro lado uma carreira de casinhas de capim e de telha com fundos para o rio.

Na ponta das pedras perto da passagem havia um grosso e comprido madeiro de 4 faces, onde nas tardes de verão e noites de luar se hião assentar os desocupados a enterrar vivos e desenterrar mortos; pelo que o chamavão—Pêo da paciencia. Tomou o nome de Largo da Forca, porque alli erão executados officialmente os condemnados á forca; a qual ahi se mandou levantar quando começou a trabalhar a Junta de Justiça, que funcionava no Casa da Junta (de Fazenda) onde depois se installou a assembléa provincial.

Nos dias em que funcionava, tinha á porta dous verdeses negros, vestidos de casaca verde e calção da mesma côr, pernas lisas e pé no chão, armados de uma comprida alabarda ou partazana, e que por isso são denominados — partazanas.

O primeiro shi executado, foi o preto Joaquim por ter assassinado sua senhora, a velha Leôa, do Triumpho: digo Triumpho, porque não havendo n'esse tempo nem Bores, nem S. João, nem S. Jeronymo, onde apenas se conhecia o Passo do Triumpho, a *Terra-Dura* pertencia ao Triumpho, cujos limites chegavam até o rio Camaquã.

Foi nesse lugar que essa senhora ensinou o proprio preto, Joaquim, a espancar um bom vizinho por causa de limites, mas esse bom homem em vez de lhes dar lâ, os tocou a ambos; pelo que teve de responder perante as justiças do Rio de Janeiro, de que airozamente se livrou.

Esse bom velho ha annos fallecido com 104 annos de idade, nada menos era do que o tronco de uma grande arvore cujos ramos se estendem hoje por Porto Alegre e Uruguayana, Jaguarão, Coritibe, Côrte, e provincia do Rio de Janeiro, e de que faz parte um voluntario de Jaguarão, escriptor de diversos jornaes, um dos quizes dizem que tinha o nome parecido com o da mulher do *hechôr*.

O segundo executado foi o mulatô Balduino, a quem o padre Angelo Maria Campaneschi em suas exhortações de linguagem lizo-italica chamava — Baldevinos — dando assim um espectáculo comico antes do tragico.

Entre os suppliciados daquella tempo um houve que se tornou notavel pelo apparato militar e por outras razões de conveniencia; e tanto que se esperou pela retirada do batalhão de Santa Catharina para que tivesse lugar o acto do supplicio, visto ser o suppliciando sogro de um official daquelle batalhão.

Alguns versos então se cantavão, e ent'elles me lembro dos seguintes :

- « N'uma sexta-feira
 - « Depois de missas
 - « Lá vai o Fagundes
 - « Entregue á justiça.
-
- « Os filhos de luto
 - « Lá chorando vão
 - « — Meu querido pai —
 - « Lançai-me a benção.

E outras coplas sentimentaes que já hoje não terão lugar

Depois do Maioridade estes espectaculos têm ido em progressiva diminuição, apesar de não haver lei que os prohibe. E digão que o *lapis fatidico* não serve para alguma cousa boa!

— O nome de *Portão* não provê-o, como alguém escreveu, de um grande portão que se levantou em frente ao Oitavo em 1836 por occasião da revolução da provincia, nem o portão era n'esse lugar, e sim mais acima onde finda a antiga calçada por onde se subia de Varres a cavallo ou a pé, pois os carros se atolavam na ladeira onde foi collocado esse novo portão: data pois de 1773 mais ou menos; e é esse que o governador José Marcellino mandou fechar pelo porteiro Lauriano José Dias para as vereadoras de Vianna assistirem as Ladainhas de Maio.

O portão ficava entre duas valles, um que seguia para o lado da Caridade e outro pelos fundos dos terrenos das cozas da praça do Portão, os quaes, segundo as concessões daquelle tempo, 'erão dados com fundos até o vallo; e este (o vallo) com a frente das cozas da praça da Independencia formava um angulo agudo, cujos lados iam abrindo até as ruas da Olaria e da Bragança, e bem se pôde vêr que as cozas da praça á proporção que seguem do Portão para a rua de Bragança vão tendo melhores fundos.

O Oitavo não existia ainda, e do Portão para a Caridade continuava o vallo mais ou menos: por onde segue hoje a galeria de casas pertencentes á Misericordia, ha-

vendo então perto do Portão para os lados da Cidade uma casa de pão e pique, que servia de quartel dos Dragões, e depois de esquadra, com uma ramalhe alta cruz de pão nos fundos, a qual servia de estalho para terdes de verão a um preto lazaro, que d'alli se divertia, com saudades do passado, a vêr de longe o *Candumba da mãe Rita*.

◊ O *Candumba da mãe Rita* era na Verzea defronte da casa e curral do antigo matadouro, mais ou menos no terreno então baldio e depois occupado pelas casas do Freguez e herdeiro do Juca (José de Souza Costa), ou Juca do Torço, nomes quasi iguaes a Bahiana do presépio e presépio da Bahiana.

Ahi se reunião nos domingos á tarde pretos de livres e negros, que com seus lambores, canções, aracungos e marimbos, cantavão e dançavão esquecendo as megores da escravidão, sem que causassem maiores cuidados á policia, como e á mesma hora se contacta nos parreheiros da Verzea em frente á chácara do velho Leão, com os tantos pebecões nos pés do *bico branco*, do zaino do mano Juca, etc., apostos que quasi sempre acabavão em *rôlo*.

Nessa *candumba* tambem se ensaiavão os *cocumbis* que pelo Natal nas festas da Senhora do Rozario, levavão a frente o Rei e a Rainha vestidos a caracter, com o juize e *camelheiro* e a competente aristocracia negra, láo dançar em entes aipetese no carão da Igreja com guizas nos detoados, em quanto d'alli se não expulso o fallecido vigario José Ignacio dos Santos Pereira, padrinho do nome conhecido vigario José Ignacio, de estudosa memoria.

Esta expulsão ou prohibição deu causa a que o thezourario da Irmandade Francisco José Furtado promovesse a creação da actual igreja do Rozario; mas quando annos depois se concluiu, já não dançavão ahi mais os *pebecões*; porque os tempos já erão outros, e só em Visnã se via um *arremêto* de *cocumbis*, em que o rei e a rainha se caracterisavão com as colzas das *sinbêmoças*.

Não sei se o vigário tinha razão nesta expulsão ou proibição, pois como era octogenário devia saber que em Julho de 1756, quando pela capitania andou o conde de Bobadella, foi na povoação de Santo Angelo obsequiado elle e a officialidade que o acompanhava, pelo padre Bartolomeu Piza, superior d'aquella missão, com um serão dentro da Igreja á entrada da porta principal, e que as indias e indios dançarão minuets e contradanças nobilissimas em honra de Santo Ignacio de Loyola, patriarca da companhia de Jesus de quem reza a Igreja no dia ultima d'esse mez.

E o vigário José Ignacio não devia ser mais catholico nem mais christão do que os proprios jesuitas.

—A Costa do Rio não passava de um riziñga de má passagem, quando em 1812 D. Diogo ali mandou abrir o Caminho Novo pelos presos da cadeia escoltados pelas ordenanças; tendo os presos combinado um levante na vespera da chegada dos militantes da campanha, revoltarão-se contra os guardas, e o seu commandante, que era Bartolomeu Fanfa da rua do Olario, quasi morreu victima da sua furia (dallas), internando-se uns pelo mata e fugindo outros para as ilhas fronteiras.

N'esse tempo grandes porções de terrenos ali se vendião por poucas doblas; hoje vendem-se os palmos de ouro, com grande ciúme de municipalidade.

—A villa, hoje cidade de Rio Pardo, terra das moças bonitas, de um nome quasi prehistorico, que já em Abril de 1754 vio arder uma grande parte de sua antiga fortaleza de Jesus Maria José, não se torna muito visivel aos que descendo ou subindo o Jacuhy, ali vão desembarcar.

Nunca ouvi dizer que Rio Pardo tivesse cabeça nem olhos, entretanto sabe-se e vê-se que tem uma boca de quasi 30 legoas de extensão; e tanto assim é, que, quem quizer ver a *Boca do Rio Pardo*, basta-lhe ir até a ponta do arsenal, ou subir ás torres da cathedral.

—O nome de *Arroio do Conde* parece provir de um antigo capitão-mór, progenitor de uma grande familia,

conhecido por — Conde da Cunha, e que ali fora afe-
zendo, mais ou menos onde é hoje a freguesia do Li-
vramento das Pedras Brancas: em outro tempo até para
ali navegava um lanchão ou escaler com o nome de Flôr
do Conde, attribuido a esse titulo.

— Abaixo das Pedras Brancas, quem quizer ir embar-
cado até a Barra, não o poderá fazer sem ter montado a
Ponta do Coroula (mais um nome feminino com artigo
masculino), lugar muito conhecido dos que para ali na-
vegão: sendo a pessoa a quem tal nome se attribue, o
chefe de uma grande, illustre e illustrada familia, não
sei como os seus descendentes chamarão a essa ponta
quando por ali passarem; e isto me faz lembrar que
João Coelho Neves, pai do finado João Coelho Barreto,
morando na rua da Praia em um sobrado que fazia es-
quina para o becco denominado do João Coelho, tinha
n'esse becco um sobrinho, sargento-mór de ordenanças,
o qual quando lhe perguntavão onde morava, respondia
— n'ôro no becco de meu tio.

— A imprensa em Porto Alegre tambem tem sua his-
toria, de que bem poucos se lembrarão.

Uma typographia, não sei de quem, appareceu em
1827, e se installou em um dos salões terreatos do palacio
do governo com sahida pelo portão.

Tendo cahido prisioneiros dos Patrias, os francezes
Dubreuil e Estivalet, um compositor e outro impressor,
ahi foi publicado o primeiro jornal em meia folha, sob
as vistas do presidente Salvador José Maciel, e superin-
tendida pelo seu *fidus Achates* ou *fac totum* Lourenço
Junior de Castro.

Dos dous typographos que ainda chegarão a trabalhar
de fardeta argentina, um por aqui ficou muito tempo,
e o outro deu-se ao commercio pela campanha.

Em 53 annos quenta revolução não tem soffrido a im-
prensa na provincia!

Hoje não ha logarejo elevado ao predicamento de
villa que não tenha o seu periodico.

— A grande casa da rua da Ponta perto do becco da

Fanho pertencente a Manoel Antonio de Magalhães, progenitor da familia Calvet, que n'ella residiu immenso tempo, e que depois servio de casa da policia, teve por muitos annos as janellas com caixilhos, mas sem vidros, e isso desde o tempo do Amares, cujos discipulos se admiravam de vêr nas janellas tantos quadros de madeira cujo fim ignoravam; até que effiz aqui chegou o primeiro vidraceiro Felix Gallêre que lhe pôz os vidros.

E' pois esta a primeira casa envidraçada de Porto Alegre; e d'ahi datam as janellas de vidraça e o progressivo mas lento desapparecimento das rotulas e janellas de pào.

— Algumas lugares em outro tempo muito conhecidos por certos e designados nomes, são hoje quasi desconhecidos ou talvez esquecidos por ter desapparecido o que servia de motivo a taes designações.

Mencionarei alguns de que me recordo agora.

O *Jogo-da-Bola*, na rua do Arroio entre a da Ponte e da Igreja, por li ver ali um jogo d'esses pertencente a Antonio Pereira da Silva, com fundos para os lados de Bronze; ficando assim a rua do Arroio com tres nomes — Nabus, Jogo-da-Bola, e Peccados mortaes.

O *Becco do Cordoeiro*, aberto em terrenos do velho Couto, transformado hoje em rua do Senhor dos Passos, assim se chamou ao principio, por ter ali morado João Cordoeiro.

O *Becco do Barbosa* (Antonio Martins Barbosa, ou simplesmente Barbosa minicito) que tem hoje o nome de rua da Aurora.

O *Becco do Trém*, terreno entre as ruas de Bragança e do Rosario, quasi em continuação da rua Nova, mandado tapar judicialmente em consequencia de um processo havido entre a camera municipal e Francisco Pinto de Souza, e fazia parte da rua de Cadeis. Na velha casa da e quasi da rua do Rosario tres alhevas então as officinas que funcçãoam n'je no arsenal de guerra.

O *porto do Pellado*, entre a esquina do Csminho Novo,

no Paraiso, e o estaladeiro do mestre Joaquim, por morar ahí em frente um individuo com este appellido.

A *Chacara da Brigadeira*, por ter sido a sua proprietaria casada com o brigadeiro Rafael Pinto Bandeira, e este nome que se estendia á fonte da Brigadeira, e ao porto tambem da Brigadeira, nunca se perdeu apesar de ter ella depois casado com o desembargador Bragança.

Esquina da Inglesa, com frente para as ruas da Ponte e de Bragança, por ter ahí residido um velho inglez, cuja filha—Catharina, ingleza, ali morara por muitos annos.

Arco-da-Velha, antiquissimo nome de um becco ou rua que depois se chamou da—Prisão militar, e hoje rua da Alegria: a casa que servio de prisão militar, foi depois reconstruida pondo-se-lha na frente duas grandes serpentes.

Esquina do Mathias, a do Ouvidor e da Praia, por ter ahí morado muitos annos Mathias Fernandes, muito conhecido por Mathias Gallego.

Em frente a esta esquina era a da Garapa, dando o nome de becco da Garapa á continuação da rua do Ouvidor (ou da Ladeira) da da Praia para o rio.

Era assim chamado o becco e a esquina por se vender ahí garapa extrahida do canal de João Ignacio Tel, reira em sua chacara da costa do rio, ou Caminho Novo.

Rua da Graça era o primitivo nome da rua da Praia, escripto nos annaes da camara desde os tempos do Soto de Ouros (*); e nunca d'ahi sabio senão para ser lido nas communicações officiaes da mesma camara; pois o povo sempre a chamou rua da Praia; e a rua da Praia continuará a ser apesar do novo nome heroico de Andradis.

(*) O octogenario Domingos Martins tinha sido escrivão da camara, e já arrastava os pés com tanto ou maior peso que o velho Couto: era casado com uma respeitavel senhora que com as suas proprias barbas sabia e fazia honrar as do seu velho esposo.

—A propósito da camera, conta-se que mandando ella lavrar um edital com a postura que prohibia andar a galope dentro da villa, e escriptão entramelando-se-lhe a pena, escrevera que era prohibido andar *gallo-piando* nome que não esqueceu aos galatos d'aquelle tempo, e que tem chegado até nós.

Quando Porto Alegre tinha menos população, punha-se alocunha em tudo, e em todos, e até nos governadores: Paulo José da Silva Gama era o Lentilha (ou outra coisa ainda mais feia); D. Diogo era o Verroço; Marquez d'Alegrete, o Diabo coxo; e Salvador José Maciel, o Cascudo.

Davao-se titulos sem a sancção regia, e concedião-se postos militares além dos creados por lei: tinhamos pois sem autorisação official e sómente com o cunho da sancção popular um conde da Cunha, um marquez dos Ansuazes, uma familia titular de guarda-mór com direitos hereditarios, alem de outros com o mesmo titulo em familias differentes. tinhamos uma Brigadeira, um cadete-major, e o muito nosso conhecido coronel—tenente Coelho. —

Nos corpos arregimentadas dava-se a mesma cousa.

Alem dos Voluntarios (que nem sempre erão) e dos Dragões, uns e outros reputando-se gente mais escolhida, tinhamos a infantaria de linha, denominada—Chimengos, com que erão ameaçados os filhos mal creados e os vagabundos; os da artilheria da côrte erão denominados Morcegos; os da legião portugueza da Lecór erão Talavêras; os da legião de S. Paulo, Baêtas; os da infantaria de Santa Catharina, Padr'eternos; os milicinos de cavellaria erão Gallos; (*) os de infantaria, Quêro-quêros; o do Rio Pardo da mesma arma, Mendôs, por causa dos officiaes que todos erão Manoéis; os ordenanças erão Ceroulas; os da companhia dos pardos, Rapaduras; e a

(*) Usando de um capacete com um comprido pennacho encarnado, e como erão da roca, e frequenzias de fóra, os rapazes os recebião com cantos do kikirikí.

dos pretos (uteis) commandados por Lourenço Junior, são Henriques.

Ainda havia na companhia os Belendegues, que em occasiões de guerra se arrebanhavão d'entre os gauchos: mórarcos e vagabundos para servirem de isca ao inimigo nas guerrilhas; e que depois da guerra voltavão á antiga vida nomada, os que escapavão com vida.

E para prova de quanto erão então usadas as alcunhas, vou inventar um romance feito á pressa, que para muitos será enigma, mas que para outros fará despertar recordações adormecidas.

Desde já peço desculpa a quem n'elle encontrar anachronismo ou falta de coecidade (deixe passar o termo), pois não é meu fim fixar datas. Eil-o:

— Era pelos primeiros decaenios do presente seculo.

Um moço de apurado gosto, bom christão e bom guarda nacional, a quem denominarei — Pisa-flores de Figueiredo, quiz fazer de um domingo um dia chelo; e para isso precisando de fato novo, e não querendo negociar com o Manoel da fazenda, nem com o Chega chega, que como mascates lhe passarião pela porta, prevenio-se em ir comprar um côrte de panno ao Fura-pipas, um outro de casemira ao Quimindá, os aviamentos ao armario do Juca (ou Juca do armario), uni-o que então havia: com esta fazenda foi encommendar a casaca ao Cerca-velha, e as pantalonas ao Calála, e tambem um par de botas ao Philippe-mãozinha).

Estando o fato prompto, escolheu o domingo; e logo cedo, depois de ter lido o *Federal* do Capatôica e de mandar frisar os cabellos pelo Carrapatú, dirigio-se á igreja a ouvir a missa do padre Vira cambote, acompanhada a orgão pelo Ignacio musico, e assistindo da opa e tocha os dous inseparaveis — Boca-negra e Sacarolhas (*).

(* Este era assim chamado porque trazia calidos pela testa obaixo molhozinhos de cabellos enroscados como cachos de moça.

Alem de outras pessoas assistião á missa o Espadaprete e Joaquim-pintor, ambos de capote; o Faz-tudo de casaca alvadia de gola em pé e bengala de castão duplo (usos dequelle tempo); o nariz de papelão, de calça justa e sapatinhos de mulher a lôr de oculos o seu livrinho; e a Izabel-basta, de mantilha, que levou toda a missa a remexer n'uma camizinha que levava para o menino Jesus não sei de que santo.

Como o dia estava sombrio, o Sr. Pisa-flôres quiz dar um passeio de cavallo, e subindo ao alto da Bronze, foi alugal-o ao Luiz Nenbures, e enquanto se ensilhava este (o cavallo não o Nenbures) divertio-se elle em ouvir uma conversa muito animada entre o Mellado e o Pedro Mandinga, sobre as novidades de vespera á noite.

Montando pois a cavallo foi passar de largo e a trote chasqueiro pelas casas da Panajóia, da Talavêra, do Felício Botão e das Potreiras, e continuou o passeio pela praia: ao avistar de longe o Milonças á janela, para se livrar de amolações pôz o animal a todo o galope; e sem ter reparado no Chico do Riacho que o saudava, nem no Rangel-boi que o esperava de chapéu na mão, só foi parar á venda do Beriberi, onde comprando tremoços e atravessando pela frente da Jacorôa, os foi afogar (os tremoços) com vinho no Manoel das mulatas.

Seguindo para o portão, no altara do Hospital militar, que era então em frente á antiga bailante em uma carreira de pequenas casas contiguas ás do Cabeça de ferro, ahí passou pelo Dorme-o-cavallo, que vinha visitar a cunhada, a pouco fallecida com 90 e tantos annos.

Continuando o passeio pela Caridade fóra, atravessou os cercados do defunto Amarello (chacara de Mariante), e estava já a chegar aos Moinhos-velhos, quando se vio embaraçado por umas carretas pertencentes ao Jardim-gago e ao Nicoláo-zinho que conduzião da Cidreira umas familias que tinham ido aos banhos do mar grosso.

Continuando o passeio, mais ou menos pela altura do Meu-filho-Sr.-Capitão, tomou á direita pela estrada do Bogango, disse um adeus de cavallo ao José-mulher

que lhe correspondeu com uma voz de contralto; tomou o Caminho do meio vindo pelo Xaviel (sic) onde encontrou reunidos a refrescar as guélas o Vicente brabo, o Chico-ilhéu, o Miguel-brabo e o Ignacio dos dentes grandes, que acompanhavão os carros em que tinhão vindo trazer ao porto telhas, pedras, tijollos e lenha.

Note-se que aos domingos não se carregava pedra, isto vem aqui só para composição de romance.

Ao chegar ao Portão, teve de parar para vêr desfilar uma caravana de que fazião parte o Chicote da provincia, o Barriga-me-dóe, o Ferrabraz, o Prosodia, o Taborda, o Carretão, o Pão de rala, o 27 contos, o João das Caçambas, o Manoel dos babados, o Não tem-perigo, e alguns outros moços do commercio que vinhão do Matto-Grosso, onde tinhão passado a noite em claro em uma função na casa do Resabiado; sendo neste trajecto acompanhados do Chico-mentira, que montado no seu petiço lunanco lhes conduzia nos tentos, o picotá da matolotagem.

Ao chegar á casa que era na rua da Igreja perto do Basco, apeou-se e mandou pelo piá levar o cavallo á cocheira.

A' tarde o nosso amigo querendo proporcionar cousas agradaveis ás meninhas, foi mesmo e pe com ellas a comprar tigelinhas e pichorras nas olarias do Joãozinho e do Juca; e, voltando pelo Compra-bicos, esteve a vêr o Crucifixo-de-estanho presidir á manança de gado: ao subir o portão foi dar doces ás meninas comprados á Rita mina, e enquanto ellas os papavão tomava elle uma limonada no José dos negros, e assim voltou com ellas á casa.

Para completar o dia, sahio de passeio á noite pera os lados da rua da Praia; de caminho entreteve alguns ditos chistosos com o Chico d'Alegria, que era vizinho fronteiro de Antonio gordo, cumprimentou respeitosa-mente o Coalhada e Afoga-ross, dice adeos ao Joaquim do bilbar, deu um aperto de mão ao Chico-inglez, tirou o chapéo ao Abarrite, e atravessou a esquina do Mathias

onde quasi cahio na pedra escorregadiça que ali havia; e dirigindo-se para os lados de Antonio megro que morava então em frente ao Pagará, ao passar pelo armazem do Pescocinho, foi reconhecido pelo Lino calafite que na porta immediata arrebanhava rapazes para dançarem com as moças que ali tinham juntado; subio pois o nosso jovem pelo corredor ladrilhado e ladeirato; e quando cheou acima, já lá encontrou o Antonio-governo, o Corneta e o Quinca do violão, com seus instrumentos musicaes; tendo chegado mais tarde com suas guitarras os Polvadeiras, vindos de Santo Antonio.

Dancou a valsa, o ril, a contradanza, e tambem o miudinho que por ser cousa moderna foi muito applaudido.

Mais tarde teve o nosso heroe de acceder ao convite do dono da casa para com elle comer os diversos guizados da festa misturados todos em uma só tijela com o competente molho de viabo puro.

Ao retirar-se enguando-se no caminho, seguiu para os lados do Arsenal, e chegando á altura do Chico-das-betas, foi ali detido pelo Alôa, que incumbido do recrutamento só o deixou por intervenção do Pancea e do Antonio guarda-môr que tomavão fresco na colçada.

Voltando pois o nosso Piss-flôres, atravessando de novo a quitanda velha, tendo passado incolume a tal pedra da esquina de Mathias, entrou na rua do Ouvidor, quando em frente á venda do Angolista é surpreendido pelo G-lo-piunto, que tambem teve de o deixar ir em paz por intervenção de Luiz de Ladeira, e pelo Domingos tambem da ladeira, que aliás não erão irmãos.

Livre deste susto subio á praça, e tomando pela rua da Fonte, é de novo surpreendido em frente á casa do Luiz-gato pelo Dunga, que estava de dia (le noite) o qual tambem teve de o abandonar pelos aboues que d'elle fizeram o Grezina e o Tomalargura que conversavão na esquina.

Para se livrar de mais encantos tomou o s. turno becco do Poço, onde teve ainda de corresponder aos humilissimos cumprimentos do Barbo do Roballo ou Pe-

dro Pennacheiro que com a sua calça larga, gibão comprido, barrete, e barbas de quichoquiche, tirava o barrete até o chão, chamando-o de — Meu sinhôzinho.

Ao chegar á casa, e não podendo dormir, para conciliar o somno, ainda teve de ter uma versalhada do João dos Affectos, e umas poesias simpethicas do Chico da Vóvó.

Ao acordar no dia seguinte, tendo de tratar de um negocio orphanologicor procurou lo o celo o Rascada para lhe fazer um requerimento, e como este ainda durmisse, foi á casa do Chocolate que já tivera sahido ao seu passeio matutino; afinal encontrou na sua banca o Dr. Caiambola (*) (sic), que lhe rascunhou um requerimento passado a limpo pelo Coruja; e não encontrando o procurador Marmello, o entregou ao João-de-gatinhas com recommendação de o fazer distribuir para o cartorio do Jangada; e a final o mandado foi assignado pelo D. João 5.º no impedimento do Juiz de Fóra, e entregue ao 30 Queijos para fazer a citação.

Como era tempo de bejús, o nosso homem para aproveitar o fato domingueiro hic algumas noites vêr fazer bejús e tambem papal-os ao Chico-Fumaça, ás Moquiranas, ao Quarto-de-galinha, e mesmo ao velho Fumaça no espão do mesmo nome.

E findou o romances em que não houve casamento por não ser caso d'isso: e ainda me ficou na prateleira muitas drogas d'este qualidade, omittidas umas por conveniencias, e outras por não caberem no verso.

Si casamento fosse necessario, facil seria unir em la-

(*) Houve mais de um]Caiambola. O 1.º e proprio era advogado, o 2.º, o que lhe casou com a viuva, herdando do 1.º a mulher e o appellido; o 3.º pertencia á classe do

Genitori genitoque

houve gritos, choros e lamentos; os que tinham visto e ouvido foram obrigados pelo tumulto a sair; e a quasi totalidade dos assistentes barafustou para a sacristia, onde quebrando telhas e pulando janelas, foram muitos arrombar a porta do Cemiterio a procurar a paz dos mortos, ficando na igreja sómente o padre José de Freitas Castro no altar, sem acólito, e o velho Manoel Vaz Ferreira, que não foi levado pela turba multa por se ter emparrado com a pia d'agua benta que, como se sabe, é saliente da parede.

O resultado, como é de provêr, foi ficar a igreja alastrada de chapéus, bengalas, sapatos, chinelos, lenços, bastas, mantilhas, pentes, e até de defuntos e chouriços, especie de enchimentos então usados nos esbellos das damas.

Os guardas passarão depois pela porta da igreja tocando a sua musica, e ignorando o que por causa d'elles se passara.

—No artigo —Testamentos— tivemos um que por sua originalidade se tornou digno de figurar na galeria dos testamentos celebres, e que convem registrar para lição dos vindouros; e como não é cousa de romance, e se acha em original nos respectivos cartorios, e transcripto nos registros da igreja matriz, usarei dos nomes proprios.

O major Joaquim Severo Fialho, rico estancieiro do municipio da Cachoeira, achando-se enfermo da molestia que veio a morrer, conservou em casa durante uma semana o sollicitador Luiz Cretano José da Rocha, o qual lhe escreveu um testamento monstro de dous ou tres quadernos de papel.

Este testamento entre as muitas verbas excéntricas que distill-vão perfeitamente o bom ou máo humor de quem as dictava, continha duas, que não poderei reproduzir *ipsis verbis*, mas que ficão exactamente photographadas nas duas seguintes:

Item: Declaro que o major Marçal José de FONSECA me é devedor a 18 annos da quantia de 24000 e como

me não tem querido pagar apesar de muitas instancias, e móra agora ao pé da cadeia da justiça, deixo a sobre-dita quantia aos presos da mesma, a vêr se por meio das lamurias com que o hão de importunar, a final se resolve a pagar.

Item: Declaro que tendo por vizinhos da chacara em que móro no Caminho Novo de um e outro lado os meus dous genros José Carvalho Bernardes e José Soares d'Almeida elles, e suas mulheres ambicionão ficar com esta a minha chacara, o que tem já causado alguns conflictos entre elles.

E para melhor os harmonizar, e para que nenhum d'elles se julgue vencedor na partilha, deixo a dita chacara á Santa Casa da Misericordia, com a condição de não a vender nem alugar, nem sobre ella fazer negocio algum com qualquer dos ditos meus genros, sob pena, se o fizer, de ficar *ipso facto* pertencendo á Fazenda Nacional.

— Já que se trata de antigualhas, é preciso não esquecer certos typos de aquella actualidade, e de que muita gente ainda se lembrará.

Não relembrarei o padre velho, alto e magro que nos dias de chuva se apresentava de chapéo de tres bicos, batina, capote, tamancos, bastão e chapéo de sol, porque isso faria tambem recordar o capitão de ordenanças que com tudo isso, (menos a batina) ainda sobrepunha a cabelleira de rabicho, oculos de cangalha, casaca de gola em pé, calção e meias, sapatos com fivelas de charneira, espada e corrente de relógio com o competente moicano.

Os meus typos são outros, e começarei pelos mais antigos.

— O José Cabellas, (José de Souza) preto velho, andador do Rozario e S. Benedicto, que nos dias de festa se apresentava de casaca, collete de seda branca bordada a ouro, calção, meias e botas de bota, e que em certos dias se armava de uma touca tão pesada, que o fazia dormir por casa dos compadres.

Era casado com a creoula Antonica, e de quem teve diversas filhas da mesma côr, sendo porém a mais nova a mulata Auristella a pouco fallecida, e que dizia elle ser assa, e ter assim sabido por milagre de S. Benedito.

O Caixa d'Oculos (José Teixeira Lopes) gago, ex-silveste, fundador da irmandade das Almas, de que era provedor o ex-juiz ordinario Luiz Ignacio Pereira de Abreu.

Era figura obrigada em quanto foguete se atirava pela villa ou cidade, e accendedor exclusivo do fogo do Divino, e de quantos fogos de vistas ardião nas circumvizinhanças; pelo que se deu o nome de—Caixa—aos atacadores de foguetes.

Teve um filho pardo conhecido por José Caixa, digno emulo de seu pai, e que elevava tão alto o seu instincto ignifero, que dizem d'elle ter feito uma viagem a pé do Rio Pardo ao Alegrete, só para ter o gosto de atacar o fogo de uma festividade.

—O Luiz doido, homem branco, tão pacifico, que só levava a fallar consigo mesmo, vestido de uma larga creoula e camisa comprida de algodão grosso, corria toda a cidade, esbisbaixo e abanando os bracos, até a hora da razão do Hospital militar, onde fazia o serviço de carregor lenha, e dizia-se que de noite hia dormir no cemiterio.

Havia nesse tempo um juiz ordinario de nome Luiz, que, stém de outras excentricidades proprias da época, mandou fazer a barba ao Caixa d'Oculos, por ter ido com ella crescida levar-lhe umas calças a provar; e o quiz mandar prender por lhe ter elle gagueijado uma bôa resposta.

Os gozatos que nunca perdem occasião, pozerão-lhe (lá nas costas do doido) um grande letreiro que dizia:

Eu tambem sou Luiz,
Tambem posso ser Juiz.

—O Manoel da Espada era o porteiro da camara e creio que tambem dos auditorios, pardo, velho e fanhoso;

nos bandos da camara era quem repetia o que lia o es-
critor; e nas execuções patibulares interrompia a mono-
tonia do acto processional com as palavras sacramentaes:
—« Justiça que manda fazer o principe regente Nosso
Senhor, &., &. —Morra de morte natural »; o que apesar
do fanhoso da voz, era perfeitamente ouvido pelos innu-
meros espectadores d'essa tragica scena.

—O *Papai Lelé* era um meirinho preto, alto, magro,
idoso e serio, que quando ia fazer citações, envergava
casaca preta, chapéo armado e a competente roupa; e di-
zião ter sido muito inclinado a citações femininas por
gostar mais de goiabas que de gabijás.

Teve as honras de fazer o papel de —Africa— no thea-
tro em uma scena das —Quatro partes do mundo— já se
sabe, no tempo da D. Maria ou do padre Amaro.

—O *Páo achto* era um preto alto, de voz grossa, que
viviu de vender aguas; accudião os freguezes a chamal-o,
quando nas esquinas das ruas ou no meio dellas, com a
sua sonora voz de forte-baixo, cantava as seguintes co-
plas:

Dindim, dindim, dindim,
Dindim, dindim, dindim,
No dia do mar feio
Ardeu o Páo-achto.

Outras vezes terminava com o seguinte:

No dia do mar feio
Maria cahio no vallo.

—Mais modernamente tivemos o *Vaca braba*, branco e
cego, que acompanhado da preta Annica e munido de um
grosso bordão, esbordoava os moleques de diversas côres
que o cercavão, e desenvolvia um vocabulario de des-
composturas mais horripilante que o da Bronze, que já
então não existia.

—Já me ia esquecido fellar no *Tarofa*, que era um

pardo faceiro, baixo, de barba raspada e bem penteado e que vestido de freque, calção de ganga anterella cortado á feição da sua elephantiasis, perna nua e sapatinhos de côr achinelados, armado como sempre com a sua toucasinha, chamava a attenção dos moleques nas procissões e nos divertimentos publicos, até se recolher á venda de Garapa, onde era escravo ou liberto, acompanhado da comitante caterva que o applaudia no seu *Moleque qui quæ...* Quê rapadura... e outras de igual jaez.

— Havia ainda outra qualidade de typos, typos rarissimos em todos os tempos, e que posto que sejam de especie differente, nem por isso, ou antes por isso mesmo, deixarão de ser apreciados.

Morava no alto da Bronze um individuo a quem chamavão Mathematico porque dizião que ensinava geometria a quem nunca a chegou a saber.

Pare os lados do Portão havia um musico muito conhecido, parceiro infallivel do gamão do Chico da botica, e cuja voz de tenor era tão maviosa que mal se podia ouvir. E vinha muitas vezes á cidade um roceiro de Boiem todo mettido a teralhão com suas prosas de latim; e era cunhado do tel a quem deu o ataque na missa da madrugada.

Quando qualquer d'alles se encontrasse com algum dos outros, bem podia dizer:—Ha entre nós um phenomeno pouco vulgar que é commum a todos tres; e Deos nos fez de nascença com uma marca inextinguivel que não se pôde apagar de todo senão por morte, sob pena de ficarmos todos cegos.

Havia ainda um quarto, que não era da cidade, tinha divissas de coronel da guarda nacional, e devia ter sotaque allemão por viver muito tempo entre a gente que falla esta lingua. Este, quando se encontrasse com os outros tres, bem lhes poderia dizer:—Amigos, vós vos julgais semelhantes a mim, entretanto eu me não pareço com-vosco, porque cada um de vós tem um olho azul e outro pardo, e eu apenas tenho um olho castanho e outro preto.

—Passe agora a dar noticia de dous acontecimentos de que muita gente se ha de admirar por ser cousa pouco sabida.

Dizia-se e affirmava-se mesmo sem ser em 1.^o de Abril ou sabbado da Alleluia, que debaixo das Pedras Brancas existia de longa data uma grande serpente, que quando se remechis causava vendavaes e tempestades, e que quando em 1811 mais ou menos em uma manhã houve um pequeno tremor de terra que quebrou muitos frascos e garrafas aos lavenoiros, foi porque a tal serpente se pôde virar para o outro lado, e finalmente que quando ella se poder vêr livre das grandes pedras que a opprimem, a cidade será arrasada, e será então o fim do mundo.

O segundo acontecimento é que quando em 1831 se installou aqui na rua do Rosario entre a da Ponte e a de S. Jeronymo, nas casas de Graciano Leopoldino, a 1.^o Loja Maçonica com o titulo de Filantropia e Liberdade, a que o povo chamou—Marimbondias, os socios marimbondos que a ella concorrião pretextavão o exercicio da caridade e da beneficencia; era porem engano manifesto, porquanto o que elles não ali fazer era fallar com o diabo; mas essa honra só cabia ao coronel Bento Gonçalves e Victorino José Ribeiro, unicos que tinham o grão de Roza Cruz, pois os outros em taes conferencias só fazião o circulo com costas para o centro, virando as frentes para dentro sómente quando já o diabo tinha desaparecido, deixando grande fortuna que os fazia expirar muito: e esta é que era a pura verdade.

Quem não quizer acreditar nas duas noticias supra, consulte as velhas d'aquelle tempo, e cianço que não só não negarão, mas até acrescentarão com pés de verdade outras historias, como as do Boitatá, Lobishomem, Pretinho Japonex, Sacy-cereré, Mani-oca, e outras que não vem referidas no Novo Methodo.

—E como não ha festa que preste sem sermão, vou finalizar com um pedacinho de ouro, que bem pode ser

aproveitado pelas nossas actuaes pregaçãoes ad æternam gloriam Dei.

—Depois que o musico Amândio com a sua voz de tenor cansado cantava o seu applaudido, e por isso sempre repetido *Matêto*—*Te cantabo in cœternum, Alleluia*—o nosso reverendo pregador dirigia o competente elogio ao Santo do dia, no qual nunca citava um só texto latino por tê-lo estudado em S. [Paulo, no tempo do bispo D. Matheus, e do general Pilatos, e ser da escola do—*Introibo ad altarem Dei, Tecia a Nossa Senhora bellos pãnegyricos bem estudados e decorados; e concluiu os seus epilogos com as seguintes frases, que por muito repetidas me ficarão de côr:—« O que nos resta, pois, Sra. ? Fazêmo-nos dignos do patrocínio da Senhora. E vós, ó Grande Deus, fazei que depois de vos louvermos cá na terra, passemos a gozar-vos nessa São Santa, nessa *Jerusalem* celeste, n'essa habitação dos justos, n'esse palacio do rei dos reis, onde viveis e reinais por todos os seculos dos seculos. Amen. Tres Ave-Marias peço. Credo.*

—Depois de um sermão não é fóra de proposito uma jaculatoria.

Havia n'aquelle tempo uma modinha ou cantiga que terminava pelo estribilho—*Na serena madrugada.*

—A proposito de um devoto que confessando-se e commungando todas as semanas, tivera a rata lembrança de ir commungar na missa do gallo ou da madrugada, ajuntarão os gaistos á tal modinha, a seguinte copla:

Devoção, mais devoção,
Devoção atropalhada;
Commungou o Santo F....
Na serena madrugada.

—E finalizo como comecei:
Honi soit qui mal y pense.

A. A. P. C.

O autor à página 19 dizia que a rua dos Andradas denominou-se rua da Graça e depois rua da Praia- Retificando, digo eu com bom fundamento: duas eram as ruas: uma denominada da Praia e outra rua da Graça. A estas ruas deram uma só denominação de rua dos Andradas. A rua da Praia começava lá para as bandas da Praça da Harmonia e terminava na esquina da rua do Ouvidor... /hoje rua General Câmara/ onde se está edificando um alteroso prédio, de apartamentos. Quanto à rua da Graça, tinha ela começo na outra esquina da rua do ouvidor, onde existe atualmente uma loja de fazendas com um nome chinês, e terminava na esquina do beco do Couto, hoje rua Nosso Senhor dos Passos. Esta denominação foi dada depois da construção da Igreja do mesmo nome, juntamente com o edifício da Santa Casa de Misericórdia (de 1820 a 1830). A começar do beco do Couto (hoje rua Nosso Senhor dos Passos) até o beco do Barbosa (hoje rua Barros.. Cassal) com fundos até o rio Guafiba era a chácara do brigadeiro Pinto Bandeira e que este a havia comprado por 240 000 rs. de uma negra, a quem um padre fez doação.